



ORIENTE MÉDIO

O Irã mostra os dentes

Sob pressão crescente de Donald Trump, e com uma força naval americana no Golfo Pérsico, o regime islâmico de Teerã sinaliza disposição para o diálogo, mas promete "uma resposta esmagadora" se for atacado

» SILVIO QUEIROZ

O regime islâmico do Irã procura ao menos aparentar disposição para o diálogo com os Estados Unidos e a Europa, que sobem a cada dia o tom de suas declarações sobre a crise político-diplomática com Teerã, mas aproveita cada ocasião para declarar-se pronto a revidar qualquer ataque militar. “Devemos estar preparados para um estado de guerra”, afirmou ontem o primeiro-vice-presidente, Mohamad Reza Aref, um dia depois de o presidente Donald Trump ter insistido que “o tempo está se esgotando” para a conclusão de um acordo que impeça Teerã de obter armas atômicas — sob pena de sofrer “um ataque muito pior” que os bombardeios de junho passado contra importantes instalações nucleares do país.

“Nossa estratégia é que nunca começaremos uma guerra, mas se ela nos for imposta, nos defenderemos”, reforçou Aref, citado pela agência oficial de notícias Irna. Na mesma linha, o chanceler Abbas Araghchi advertiu a União Europeia (UE) para as consequências da decisão de qualificar como “organização terrorista” a Guarda Revolucionária, unidade de elite das Forças Armadas, subordinada diretamente ao líder supremo da República Islâmica, o aiatolá Ali Khamenei. “Este é um erro estratégico importante, a Europa está brincando com fogo.”

Visto habitualmente como uma voz que tende à moderação e ao pragmatismo — até pela função que ocupa —, o chanceler vem fazendo eco aos setores mais radicais do regime, especialmente os militares. Com o país sob o impacto não apenas das palavras de Donald Trump, mas da chegada ao Golfo Pérsico do grupo naval de ataque liderado pelo porta-aviões USS Abraham Lincoln, Araghchi garantiu que as forças de defesa iranianas “estão com o dedo no gatilho”. Em tom semelhante, o comandante das Forças Armadas e ex-ministro da Defesa Amir Hatanmi prometeu “uma resposta esmagadora” a uma eventual “agressão”, e anunciou a mobilização de mil drones de alcance estratégico.

O primeiro vice-presidente, embora tenha convocado o país à

Atta Kenare/AFP



Mural exibido em uma praça de Teerã mostra caixões cobertos com as bandeiras dos EUA e de Israel: Forças Armadas "com o dedo no gatilho"

prontidão, deixou entreaberta uma janela para o diálogo, mas alertou que “desta vez, vamos querer garantias”. Mohamad Reza Aref se referia ao rompimento unilateral, pelos EUA, de um acordo sobre o programa nuclear fechado em 2015 pelo Irã com um grupo de seis potências mundiais — os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU mais a Alemanha. Trump, em seu primeiro mandato, retirou o país do tratado em 2018.

Em meio à escalada de tensão, nos últimos dias, o jornal iraniano *Kayhan*, tido como próximo às posições do líder supremo, reiterou a ameaça de bloquear o Estreito de Ormuz, “gargalo” à saída do Golfo Pérsico e passagem vital para o escoamento de uma parte importante do petróleo negociado nos mercados globais. “A República Islâmica tem o direito de fechar o estreito”, afirmou a publicação, em editorial. “Se o inimigo vier com uma espada, não vamos recebê-lo com um sorriso diplomático.”

Atta Kenare/AFP



O chanceler iraniano, Abbas Araghchi: “Estão brincando com fogo”

Petróleo e armas

Com a cotação do petróleo atingindo os patamares mais elevados em seis meses, Washington enfrenta também a pressão de aliados no Oriente Médio, como a Arábia Saudita, preocupados com o impacto econômico de uma escalada

militar com o Irã. “Se houver uma confrontação, o preço do petróleo subirá em muitos dólares — difícil dizer o quanto, antecipadamente, mas subirá bastante”, observa o professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM. “Por isso, não acho que estejamos nesse caminho”, disse,

em entrevista ao **Correio**. “Se isso ocorrer, se não for no mesmo dia, no dia seguinte o preço da gasolina sobe nos postos dos EUA. E isso vai fazer com que piore a percepção sobre o presidente Trump lidando com a economia — e ela já é ruim.”

O estudioso vê na radicalização retórica — até aqui — da Casa Branca o resultado da somatória entre as considerações políticas de Trump e os receios de seus aliados na região, a começar pelo principal deles. “Ao que tudo indica, ele queria ter atacado o Irã durante a semana de protestos e repressão muito forte, mas o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu teria intercedido, porque Israel ainda não teria conseguido repor todas as suas capacidades de defesa antímísseis”, pondera.

O professor da ESPM vê na movimentação de Trump uma mudança de enfoque, como indicam suas declarações a respeito do arrefecimento dos protestos e da contenção dos distúrbios deste mês, que em certo ponto pareciam se encaminhar para a contestação direta e aberta aos aiatolá. “No meu entender, essas pressões são uma forma de tentar trazer o governo iraniano de volta para a mesa de negociação sobre o programa nuclear”, argumenta. “Não é uma tentativa de derrubar o regime, neste momento.”

A mobilização militar dos EUA havia sido ordenada por Donald Trump como resposta à dura repressão imposta pelo regime

Direitos humanos

A mobilização militar dos EUA havia sido ordenada por Donald Trump como resposta à dura repressão imposta pelo regime



Nossa estratégia é que nunca começaremos uma guerra, mas se ela nos for imposta, nos defenderemos"

Mohamad Reza Aref,
primeiro-vice-presidente do Irã

islâmico a uma onda de protestos que se alastrou pelo país nas primeiras semanas do ano. As manifestações, que tiveram como alvo inicial a crise econômica, assumiram um caráter de oposição direta ao governo e foram sufocadas sem complacência. Organizações pró-direitos humanos sediadas nos EUA e na Europa estimam que ao menos 6 mil pessoas foram mortas, embora temam que a cifra real possa superar 20 mil.

Ao contrário do presidente norte-americano, que agora coloca no centro das preocupações a alegada aspiração de Teerã a desenvolver armas nucleares, os governos europeus mantêm no centro de suas atenções a repressão implacável aos opositores. “Qualquer regime que mate milhares de seus cidadãos trabalha para a própria destruição”, afirmou a chefe de diplomacia da UE, Kaja Kallas. A presidente da Comissão Europeia (CE, braço executivo do bloco), Ursula von der Leyen, acompanhou o tom da subordinada: “É como ‘terrorista’ que se qualifica um regime que reprime com sangue as manifestações do próprio povo.”

O professor da ESPM vê na movimentação de Trump uma mudança de enfoque, como indicam suas declarações a respeito do arrefecimento dos protestos e da contenção dos distúrbios deste mês, que em certo ponto pareciam se encaminhar para a contestação direta e aberta aos aiatolá. “No meu entender, essas pressões são uma forma de tentar trazer o governo iraniano de volta para a mesa de negociação sobre o programa nuclear”, argumenta. “Não é uma tentativa de derrubar o regime, neste momento.”

Hamas se desarma, aposta Trump

O movimento islâmico palestino Hamas, que por duas décadas controlou a Faixa de Gaza, confirmou a disposição de promover “a transferência completa do governo” do território para uma equipe tecnocrática e apatidária, que assumiria a administração sob supervisão de um comitê internacional indicado e presidido

por Donald Trump. A transição segue ostermos do cessar-fogo patrocinado pelo presidente dos EUA após dois anos de ofensiva militar israelense contra Gaza, com saldo na casa dos 70 mil mortos. Mas, embora sem a concordância explícita da outra parte, Trump se disse ontem confiante no cumprimento

de outro ponto chave do acordo, o desarmamento do Hamas.

“Muita gente diz que eles nunca vão entregar as armas, mas parece que vão”, disse durante reunião de gabinete, depois que o enviado especial Steve Witkoff apresentou uma breve atualização sobre as negociações. O presidente ressaltou a cooperação

estabelecida com o Hamas, considerado pelos EUA como um grupo terrorista, depois que as forças israelenses recuperaram os restos mortais de todos os reféns capturados em 7 de outubro de 2023, no ataque que motivou a ofensiva militar contra os palestinos. “Eles nos ajudaram com a

recuperação desses corpos”, insistiu Trump. Witkoff, sentado a um lado da sala, expressou grande confiança de que o Hamas cumprirá o que foi acordado. “Retiramos os terroristas de lá e eles vão se desmilitarizar. Farão isso porque não têm outra opção”, disse o emissário de Trump. “Eles vão entregar os (fuzis) AK-47”, disse a Trump.

A segunda fase da trégua, que entrou em vigor no último dia 10 de outubro, prevê o desarmamento do Hamas, a retirada progressiva do Exército israelense — que ainda controla metade da Faixa de Gaza — e o estabelecimento de um comitê tecnocrático para a administração do território.

IMIGRAÇÃO

Secretário promete enquadrar o ICE

No segundo dia desde que assumiu o comando da ofensiva contra a imigração em Minneapolis, no estado de Minnesota, o secretário especial de Donald Trump para assuntos de fronteira, Tom Homan, confirmou que as operações continuarão, mas prometeu que os agentes envolvidos em abusos e arbitrariedades serão punidos, e “a lei e a ordem serão respeitadas”. Homan foi enviado à cidade como parte de um recuo do presidente diante dos protestos indignados contra a morte de uma mulher e um homem — ambos cidadãos norte-americanos — baleados por agentes da temida força especial antimigração, conhecida no país pela sigla ICE.

A crise em Minneapolis acirrou os ânimos no Congresso, com a oposição no Senado condicionando a aprovação de um pacote de gastos, enviado por Trump, à definição de salvaguardas para a atuação do ICE. Embora em minoria, os democratas têm votos suficientes para obstruir o projeto. Caso não haja acordo em tempo hábil, o governo federal terá as atividades suspensas a partir de amanhã, situação que é chamada no país de ‘shutdown’ (“fechamento”). Será a segunda ocorrência do gênero desde a volta de Trump à Casa Branca, há um ano.

“Vamos garantir a realização de operações de controle direcionadas, e repito: não desistimos de forma

alguma de nossa missão. Vamos apenas executá-la de maneira mais inteligente”, prometeu o “czar das fronteiras”, como é chamado. “A segurança da população é primordial.” Homan admitiu que, assim como Trump e outros integrantes do governo, vê na espiral de violência que varreu a cidade um sinal de que “certas melhorias poderiam e deveriam ser feitas” no comportamento dos agentes do ICE. Depois de reafirmar que cobrará das forças federais “uma conduta profissional”, o secretário frisou: “Temos protocolos.”

Homan substituiu o oficial que comandava, em Minneapolis, a Patrulha de Fronteira, Gregory Bovino. Ele atraiu para si a fúria dos

manifestantes e a artilharia de críticas da oposição democrata no Congresso — principalmente, depois de ter classificado como “assassino” e “terrorista” a segunda vítima da operação. Alex Pretti, 37 anos, enfermeiro intensivista, foi baleado quando filmava a ação repressiva, no último sábado, durante manifestação contra o assassinato de Renee Good, da mesma idade, morta a tiros em seu carro por agentes do ICE, duas semanas antes.

Entre os moradores, o ajuste de conduta anunciado por Homan foi recebido com desconfiança. “A administração Trump diz que vai mudar de tática”, disse à agência de notícias France-Presse Jennifer Arnold, responsável por uma

Scott Olson/Getty Images/AFP



O “czar das fronteiras”, Tom Homan: “Temos protocolos de conduta”

rede social que leva os filhos de imigrantes para a escola. “Mas não estamos vendo nada diferente: as pessoas continuam sendo arrancadas das ruas.”

O prefeito Jacob Frey, um democrata, que se destacou nas críticas ao ICE e a Trump, voltou à carga e denunciou as operações

anti-imigrantes ordenadas pelo governo federal. “Sinto o apoio de todo o país, e reconhecemos que uma grande cidade americana está vivendo uma invasão. É uma invasão contra a nossa democracia, a nossa república e cada um de nós”, discursou em uma conferência de prefeitos, em Washington.